



Objetivos do capítulo

- Ler e identificar, em uma entrevista, sua estrutura composicional e as características de linguagem.
- Ler e identificar, em um cordel, sua estrutura composicional e as características de linguagem.
- Compreender que a oração adjetiva, assim como o adjetivo, atribui características ao substantivo.
- Identificar os termos a que as orações adjetivas se referem e sua estrutura, sempre iniciada por um pronome relativo.
- Compreender que a oração adjetiva pode tanto restringir quanto explicar uma característica do substantivo.
- Identificar os diferentes sentidos assumidos pela oração adjetiva, relacionando-os à presença ou à ausência de vírgula.
- Compreender que as orações adjetivas podem se apresentar na forma desenvolvida ou reduzida.
- Organizar e apresentar um cordel em formato de jogral.
- Produzir um cordel com base em história conhecida.

Observe a xilogravura e responda às questões.

1. Você já ouviu falar em xilogravura? O que é isso?
2. Como o personagem é retratado nessa imagem?
3. Em que região brasileira essa representação faz sentido? Por quê?
4. Essa representação se dá por meio de qual figura de linguagem?



estudo do texto

Entrevista

A entrevista a seguir foi concedida pelo cordelista Paulo Nunes Batista ao jornal *A Nova Democracia*. Leia-a com atenção.

Entrevista: Paulo Nunes Batista – O cordel na poesia do povo

Ana Lúcia Nunes e Mário Henrique

Numa casa simples do centro de Anápolis (GO), Paulo Nunes Batista recebeu nossa equipe de reportagem. Aos 82 anos, o poeta, repentista e cordelista narra de forma emocionante e com muito sentimento sua história na arte [...].

Segundo ele, esta pode ser uma de suas últimas entrevistas. O poeta sofre de isquemia cerebral e mal consegue ler hoje.

Ele tem 319 escritos de cordel, folhetos e ABCs, entre obras publicadas e inéditas. É bacharel em direito e jornalista profissional. Trabalhou como vendedor ambulante de folhetos de cordel e livros. Conquistou vários prêmios literários. É citado na enciclopédia Delta Larousse. Tem poemas traduzidos para o espanhol, inglês e japonês e mais de dez livros publicados.



Repentista	<hr/> <hr/>
Cantador	<hr/> <hr/>
Coquista	<hr/> <hr/>

9 Por meio de uma entrevista, o leitor pode conhecer o posicionamento do entrevistado a respeito de determinado assunto. Transcreva trechos que revelem a visão do cordelista Paulo Nunes Batista sobre

a) o papel do cordel na cultura popular;

b) a missão do cordel de uma geração para outra;

c) os cordelistas e cantadores atuais;

d) o verdadeiro poeta do povo;

e) o maior cordelista do Brasil;

f) a participação da mulher no cordel.



AND – Paulo, como a vida que você teve influenciou sua obra?

PNB – Meu pai era dono de livraria e de tipografia. Então tínhamos uma vida confortável. Quando o meu pai morreu, em 1929, passamos a viver na pobreza. Chegamos a passar fome. Eu fui para o Rio e não tinha dinheiro nem para a passagem. Fui pedir ao governador e ele me deu uma passagem de 3ª classe de navio, no porão. Era janeiro de 1938.

AND – Como foi sua história com a literatura, com a arte?

PNB – Eu sou de uma família de poetas populares do Nordeste; repentistas cantadores e cordelistas da Paraíba. Aliás, a história do cordel no Brasil começa com minha família, segundo os livros. Em 1797, nascia o meu bisavô, Agostinho Nunes da Costa. Ele foi cantador e glosador famoso no Nordeste. Participou do núcleo inicial do cordel no Brasil, na Serra do Teixeira (PB). Três de seus filhos foram poetas, dentre eles o meu avô materno, Ugolino Nunes da Costa ou mestre Gulino. Meu avô Ugolino foi um grande cantador repentista, cantador de viola. Na nossa família há vários cantadores, como os três irmãos Batista – Lourival, Dimas e Otacílio –, citados por Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e outros poetas famosos do Brasil. Por parte de minha mãe e de meu pai, que eram primos, há vários cantadores, repentistas e cordelistas famosos. Eu levantei 50 cantadores famosos na nossa família.

AND – Você falou em glosador e cantador, pode distinguir estas categorias?

PNB – Glosador é aquele que faz o verso na hora com qualquer assunto. O cordelista escreve os versos. O repentista canta versos de improviso. O cantador apenas canta, ele pode simplesmente ter decorado os versos. Coquista é o cantador de coco, ele pode ser repentista ou não. Ele decora e canta, utilizando o pandeiro ou o ganzá – instrumento rústico de percussão, originalmente trazido pelos africanos.

AND – Qual o papel do cordel na afirmação da cultura popular?

PNB – O cordel é um difusor de cultura. Um homem analfabeto, o sertanejo, o brejeiro, o matuto do Nordeste ia para a feira comprar cordel porque o filho dele que estava na escola podia ler para ele. Então, o cordel é um veículo de difusão de cultura muito importante. No Nordeste muita gente aprendeu a ler através do cordel. O cordel inspirou vários autores, como Jorge Amado e Ariano Suassuna. Ele é a poesia popular não erudita, não sofisticada, não da elite. É poesia do povo, feita em folhetos baratos, humildes. Essa poesia do povo transmite de geração para geração os conhecimentos, as lutas, como a do camponês sem-terra. O cordel é um universo que pode abranger todo o conhecimento do povo: os camponeses, os cangaceiros, os beatos, os latifundiários, a seca, a miséria. É uma riqueza só. Atualmente existe também o cordel urbano que é feito nas cidades, mas o originário é o do Sertão. É a história dos bois brabos que ninguém pegava, dos cangaceiros. O meu cordel tem um pouco de tudo. O cordel tem a maior significação na difusão, na divulgação da cultura popular. Essa é sua missão, que está amassada pela anticultura, contracultura norte-americana. Existiam milhares de folhetarias de cordéis no Brasil, mas hoje estão reduzidas a meia dúzia. Hoje, quem vive de cordel no Brasil? Um ou outro lá no Nordeste porque não tem público, o povo não compra mais cordel. [...]

AND – Que papel você acha que a poesia, principalmente o cordel, tem como literatura de resistência?

PNB – Alguns cordelistas fazem cordel de resistência, como o Rafael de Carvalho e eu, mas somos poucos. Os cordelistas e cantadores de viola estão vendidos ao sistema porque o que dá dinheiro para eles é isso. É o latifundiário que paga a cantoria deles. Então eles acabam tendo que cantar para os latifundiários. Como eu sempre procurei viver independente, vendendo meus folhetos, eu me libertei disso. Raramente trabalhei para patrão, depois fui trabalhar no Estado por concurso. [...] Eu não jogo confete em capitalista nenhum. Foi um verdadeiro milagre eu ter sido eleito para a Academia Goiana de Letras [...].

[...]



Cordel: um poema narrativo

©Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, PR



o que você vai conhecer

- Entrevista
- Orações subordinadas adjetivas
- Cordel
- Pontuação das orações subordinadas adjetivas
- Cordel em jogral
- Orações subordinadas adjetivas desenvolvidas e reduzidas
- Uma história para um cordel



Este capítulo se inicia com uma entrevista realizada com o cordelista Paulo Nunes Batista, para se conhecer um pouco mais sobre essa literatura popular. Só então, será feita a leitura de um cordel, observando-se suas características composicionais e sua narrativa.

BORGES, J. O monstro do Sertão. In: PENTEADO, José O. (Org.). *A arte de J. Borges: do cordel à xilogravura*. Curitiba: Museu Oscar Niemeyer, 2008.





AND – O que é ABC?

PNB – Se chama ABC porque cada estrofe começa com uma letra do alfabeto, do A até Z. O ABC é fácil de memorizar. Eu fiz muitos ABCs e vou até publicar um livro só com eles agora. O ABC é fácil de gravar e ninguém faz mais ABCs. Ele é tão antigo que tem até na Bíblia. Também quando os portugueses chegaram, eles trouxeram a poesia popular em folhas volantes e em ABC porque era fácil memorizar.

AND – Em sua opinião, quem é o maior cordelista do Brasil?

PNB – O maior de todos os cordelistas do Brasil é o Leandro Gomes de Barros, paraibano, compadre de meu pai. Escreveu mais de mil folhetos e nunca fez outra coisa na vida. Ele chegava à venda, [...] pedia ao dono um papel de embrulho e escrevia um folheto na hora como pagamento. Qualquer acontecimento, ele fazia o folheto na hora. Tinha uma pequena prensa em casa e imprimia os folhetos para vender na feira. Houve outros grandes cordelistas, como José Camelo de Melo Rezende, Manoel de Almeida Filho. Meu pai foi grande cordelista também, mas como o Leandro não teve.

AND – O que o senhor acha do Patativa do Assaré?

PNB – Ele foi um poeta importante, mas o cordel que ele fazia não era legítimo. O cordel tradicional é feito em sextilha ou em setilhas (sete linhas). O Patativa colocou linguagem caipira no meio do cordel, uma coisa de poetas matutos, como Pompilho Diniz, Catulo Cearense e Zé da Luz. Eram poetas de muito valor, mas não eram cordelistas autênticos. Autêntico mesmo é Azulão, Mocó. O Mocó vivia miseravelmente e era um cordelista formidável. Veja só um verso dele, quando ele chegou à Paraíba e estava uma seca danada:

“O nordeste está tranco,
cercado por uma desgraça imensa,
uma banda já caiu,
a outra banda está pensa,
e neste grande aperreio,
sofre o nortista no meio
igual à marca na prensa.”

Olha a imagem desse homem, é um poeta do povo, um homem quase analfabeto.

AND – O que você considera um verdadeiro poeta do povo?

PNB – É aquele que representa o povo em todas as suas modalidades, em todas as formas de expressão. É aquele que diz o que o povo sente. É o poeta que não está ligado a latifundiário, à elite, mas ao povo. O povo está com fome porque não tem dinheiro, não recebe pelo que produz, então ele escreve sobre isso. [...]

AND – Não se ouve falar em mulheres cordelistas. Elas existem?

PNB – A minha irmã Maria das Neves Batista Pimentel, a Marinha, foi a primeira cordelista do Brasil. Quando ela publicou o folheto havia muito preconceito. Mulher não podia escrever cordel. O que o homem pode fazer a mulher pode fazer igual. Ela tem inteligência, cultura, vontade. [...]



NUNES, Ana L.; HENRIQUE, Mário. *Entrevista: Paulo Nunes Batista – o cordel na poesia do povo*. Disponível em: <<http://www.novademocracia.com.br/no-33/360-entrevista-paulo-nunes-batista-o-cordel-na-poesia-do-povo>>. Acesso em: 23 set. 2019. ©Editora Aimerê



1 Uma entrevista pode ser individual (dada a apenas um veículo de comunicação) ou coletiva (concedida a um grupo de jornalistas de diferentes veículos). De que tipo é essa entrevista?

2 Identifique as partes que, geralmente, compõem uma entrevista.

3 Como os interlocutores, isto é, entrevistador e entrevistado, estão identificados graficamente na série de perguntas e respostas?

4 Com que objetivo os interlocutores foram identificados dessa forma?

5 O tratamento do entrevistador com o entrevistado é formal ou informal? Apresente exemplos que comprovem sua resposta.

6 Que estratégia inicial o jornal usou para mostrar ao leitor a literatura de cordel como uma arte representativa de um povo?

7 As entrevistas são feitas, geralmente, com pessoas de projeção, as quais respondem a perguntas elaboradas por jornalistas. Considerando a resposta de Paulo Nunes Batista à segunda pergunta, por que razões o jornal o elegeu para ser o entrevistado da edição?

8 Preencha o quadro a seguir com explicações de Paulo Nunes Batista sobre as palavras referentes à literatura de cordel.

Glosador	<hr/> <hr/>
Cordelista	<hr/> <hr/>